



da ascensão na economia, Lewis Hine decide fotografar crianças trabalhadoras em uma indústria de fiação...

(...) Enquanto muitos retratos da sociedade da época apelavam ao sentimento, a documentação de crianças trabalhadoras por Lewis Hine (1874-1940) adotou uma abordagem mais factual [...] Suas atividades desempenharam um papel-chave na aprovação posterior das leis do trabalho infantil. (HACKING, 2012, P. 297).

Diferente dos triviais modos de exibição diante das câmeras para fotografar pessoas de uma classe social com maiores condições financeiras, assim como foi no surgimento da fotografia em que as pessoas podiam ter em suas mãos a sua imagem pagando em troca um valor alto para serem retratados, o fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado propõe uma abordagem diferente com questões que envolvam mudanças sociais a fim de provocar debates e denunciando, por meio das imagens, modos de vida cruéis.

Com seus trabalhos fotografando pessoas excluídas da sociedade, Sebastião Salgado publicou livros com imagens produzidas durante viagens feitas em várias cidades do Brasil e até em outros países, no qual suas chegadas a esses locais lhe proporcionava reter informações e conhecer de perto diferentes histórias de vida. Eis a informação que a linguagem visual transmite aos receptores quando o assunto é miserabilidade.

O fotógrafo Sebastião Salgado continua o trabalho principiado por Lewis Hine nos Estados Unidos. Tais técnicas e habilidades em se instalar no local a produzir as imagens são discretas a fim de não perder um momento espontâneo na fotografia que poderá ser chamada de fotojornalismo, técnica utilizada para capturar a imagem de um acontecimento ou fato evidente, pois o seu objetivo está baseado em realizar denúncias sociais a exemplo, o Movimento dos Sem-Terras no ano de 1980 e 1996 em que as fotos foram publicadas em um livro intitulado “Terra”, conforme (FORIN e BONI, 2007).

Suas imagens foram reunidas oficialmente, até o momento, em seis livros: *Outras Américas* (1986), *Trabalhadores* (1993), *Terra* (1997), *Êxodos e retratos de crianças do êxodo* (2000) e o *Fim da pólio* (2003). Ele viaja pelas mais diversas regiões do planeta registrando por temas, vítimas da miséria, da política econômica, da desestabilização provocada pelas tecnologias (...) (FORIN e BONI, 2007, p. 85).

A contribuição do fotógrafo Sebastião Salgado para o fotojornalismo pode servir como um desencadeador de informações das classes menos privilegiadas em relação as que



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

possuem mais status econômico e social. Essas pessoas detentoras dos maiores recursos financeiros no Brasil estão em menor número e são responsáveis por muitas vezes causarem frustrações quando o assunto é a valorização de uma vida com regalias e descaso com os que possuem menor poder aquisitivo.

Essas divisões das classes sociais movimentam grupos de pessoas excluídas da sociedade a fim de reivindicarem seus direitos, no entanto, os protestos, tumultos, revoluções e manifestações sem objetivos e sem propósitos não ganham relevância diante das muitas imposições que o governo estabelece como condições, para manter vantagens sobre essa classe subalterna que sucumbe aos ditames dos governantes.

Imagens feitas de períodos conflituosos testemunham a insatisfação de um povo decepcionado com as mazelas de países, onde a corrupção é pivô de uma sociedade insatisfeita e onde por falta de recursos para ter uma vida digna alguns optam por se deixarem corromper. As fotografias entram nesse contexto para fazer parte de uma história, uma história que servirá de embasamentos para estudos densos sobre as conseqüências das desigualdades em uma época de um determinado país.

Humphrey Spender (1910-2005) fez por meio de suas fotografias, registro de um protesto que exigia ajuda aos governantes a respeito de um grande número de desempregados na cidade de Jarrow na Inglaterra, conforme (HACKING, 2012, p. 298) “... *A publicação das fotos de Spender ajudou a chamar a atenção para a marcha*”. Notamos então, o poder das fotografias, como linguagem visual, com o intuito de informar a sociedade por meio das publicações. No entanto, para que isso fosse registrado, revelado e viesse a conhecimento do público com a agilidade que conhecemos hoje, a fotografia passou por vários processos de evolução para reprodução e impressão de imagens.

Breve resumo da história da fotografia

A fotografia tem suas origens na Europa do século XIX onde os profissionais envolvidos com a técnica de retratar pessoas, objetos ou paisagens mortas, utilizavam a câmera escura para revelar a captação de imagens. Esses artistas que trabalhavam exercendo essa atividade muito contribuíram, no decorrer dos modos de impressão da fotografia, com suas práticas e descobertas a fim de ter a revelação de imagens que hoje conhecemos.

O francês Louis Jacques Mandé Daguerre (1787-1851) foi responsável pela



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

invenção do primeiro processo da revelação de imagens chamado daguerreotipia, um invento difundido no mundo e que no ano de 1840 foi apresentado ao D. Pedro II, à época, com 14 anos de idade (ANDRADE, 2004). O invento daguerreotipia teve a colaboração do francês Joseph-Nicéphore Niépce (1765-1833) autor da imagem fotográfica mais antiga dentre os estudos de pesquisas a respeito da fotografia.

No Brasil a descoberta do processo de impressão da fotografia aconteceu na cidade de Campinas, São Paulo, pelo francês Antoine Hercule Romuald Florence (1804-1879) inventor aplicado e habituado a conviver com intelectuais os quais o ajudaram nos desenvolvimentos de suas pesquisas. No invento de Hercules Florence para a impressão da fotografia, havia um caminho construído para realizar a invenção do papel inimitável que evitava falsificações em títulos de valor...

Com a poligrafia, tornou-se possível imprimir numa mistura de litografia e gravura em diversas cores. Foi então que Florence teve a idéia de utilizar a câmera obscura.

Ele escrevia ou desenhava no vidro para poder imprimir na prancha, utilizando-se da luz do sol, do cloreto de prata ou ouro, como se fossem tinta de impressão, chegando naturalmente a um processo que se aproxima muito da fotografia, principalmente quando ele fez uso da câmera obscura. (...) (OLIVEIRA, 2003, p. 07).

Hercules Florence nomeou a esse invento, da escrita com a luz, de *photographie*, pois, se realizou com a ação da luz solar. Uma conquista viável, concedida também às pessoas que não trabalhavam no meio da fotografia, diante dos processos de impressão da tipografia que eram desempenhados por máquinas pesadas. Entretanto, seus inventos não eram reconhecidos pelo mundo o que lhe causava frustrações diante de seus esforços nas várias criações elaboradas no Brasil, a exemplo, um estudo chamado *Poligraphye* impressão das partituras sobre a Zoofonia (OLIVEIRA, 2005). Hercule Florence veio a contribuir com a impressão da fotografia por meio da luz, mas antes dele, houveram outras formas de processos de impressão: o talho-doce, xilografia, litografia, fototipia e outros.

A tipografia é o primeiro processo de impressão criado pelo alemão Johannes Gensfleisch zur Laden zum Gutenberg (1398-1468), a partir deste invento os processos de impressão foram evoluindo passando do manual ao industrial e aperfeiçoado por técnicos durante anos, com esses desenvolvimentos surgiram os processos de impressão, como a litografia e xilografia, principais métodos adotados na imprensa brasileira no século XIX.



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

O processo de impressão chamado talho-doce foi realizado no Brasil pela primeira vez pelo padre José Joaquim Viegas de Menezes (1778-1841) que trouxe a experiência da técnica, de escavar com uma ferramenta pontiaguda numa chapa metálica criando sulcos a fim de penetrar a tinta para haver a impressão da imagem, aprendida por ele em Lisboa, “... e que se tornou, assim, um dos grandes precursores das artes gráficas no Brasil” (ANDRADE, 2004, p.75).

Logo após surgiu a xilogravura, processo de impressão muito parecido com o carimbo quando transfere a imagem para o papel, havendo, portanto, duas técnicas trabalhadas com os profissionais xilógrafos: a xilografia de fibra, quando a madeira é cortada na vertical e xilografia de topo, quando a madeira é cortada horizontalmente. Na xilografia de topo, os desenhos resultam numa exatidão e detalhes precisos, essa técnica se deve a descoberta do inglês Thomas Bewick (1753-1828), essa forma de impressão não teve muito sucesso no Brasil, por ser restrito o número de pessoas que trabalhavam com essa técnica.

No final do século XVIII eclode a litografia desenvolvida por Johann Aloys Senefelder (1771-1834), processo de impressão simples, menos complexo e de menor custo em relação aos outros que já estavam no mercado. Esse método de impressão surgiu por acaso, tendo em vista que Aloys Senefelder era compositor e não encontrava editoras disponíveis a publicar suas obras, seu invento foi disseminado durante invasões napoleônicas à Alemanha por artistas franceses na França, e também teve grande difusão quando foi descoberta por renomados pintores: Jean-Louis André Théodore Géricault (1791-1824), Ferdinand Victor Eugène Delacroix (1798-1863) dentre outros.

A fototipia, processo fotomecânico criado em 1855 por Alphonse Louis Poitevin (1819-1882) era um método inovador na época, que facilitou algumas impressões, a exemplo, os postais. Contudo, o uso desse processo de impressão ficou limitado a poucos trabalhos devido as tiragens demoradas e a precariedade da matriz, tornando difícil as atividades dos profissionais que dela dependiam para desempenhar com agilidade seus trabalhos.

Durante o desenvolvimento nas técnicas de impressão houve a invenção da Fotogliptia patenteada pelo inglês Walter Bentley Woodbury (1834-1885) em 1864, inventor que se inspirou na criação de Alphonse Louis Poitevin. A fotogliptia era um



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

processo de confecções muito trabalhoso que se tornou notório na França, Grã-Bretanha e Estados Unidos, até o final do século XIX, “... no Brasil, foi pouco utilizado... o custo elevado dos trabalhos executados com este método de impressão, e algumas desvantagens técnicas na sua execução, fizeram com que fosse relegado ao esquecimento” (ANDRADE, 2004, p.96).

Os métodos para imprimir imagens surgidos no século XVIII foram ganhando perfeição a medida que os profissionais desenvolviam técnicas a fim de melhorar os procedimentos para as impressões, e devido a essas técnicas os processos eram similares nas diferentes décadas que eram inovados. No ano de 1882 o alemão Georg Meisenbach (1841-1912) patenteou o processo de impressão chamado autotipia, um método que causou revolução na época em que surgiu, pois possibilitou à imprensa incorporar gradualmente fotografias e textos nas páginas dos jornais, na época a maioria dos impressos eram textuais com poucas ilustrações.

Com a introdução das imagens nos jornais por meio das novas técnicas dos processos de impressão, os periódicos ganharam mais credibilidade quando o assunto era informar os receptores não apenas com retratos de lugares ou pessoas da alta sociedade, mas agora intercalando textos as fotografias de acontecimentos e fatos evidentes mostrando situações de interesses a uma nação. A exemplo desses eventos, no ano de 1865 na Guerra do Paraguai foi noticiada à população do Rio de Janeiro, nos periódicos da época, imagens dos episódios bélicos entre a Tríplice Aliança formada pelo Brasil, Argentina e Uruguai por fotógrafos que decidiram registrar pela primeira vez imagens de uma guerra segundo (ANDRADE, 2004).

A primeira guerra fotografada e da qual o Brasil participou foi a Guerra do Paraguai, também conhecida como a Guerra da Tríplice Aliança, formada em maio de 1865 pelo Brasil, Argentina e Uruguai, [...]

Foram muitos os fotógrafos que documentaram o evento, em seus diferentes aspectos. E até hoje, nem todas as imagens existentes têm a sua autoria esclarecida. (ANDRADE, 2004, p.131-132).

Os profissionais que participaram desse evento, notório para a história do Brasil e história da fotografia, exerceram com unanimidade a prática do fotojornalismo trazendo notícias das perdas humanas e financeiras causadas pela guerra nos países envolvidos. A população do Rio de Janeiro acompanhou por meio das imagens, parte do conflito de



informações circuladas apenas entre os campos de batalha e na cidade portuária do Rio de Janeiro, local de onde saíam os navios para o Rio da Prata.

Várias fotografias produzidas durante a guerra do Paraguai são desconhecidas pelo público e entre as imagens feitas durante o conflito, existem entre elas, algumas que jamais circularam no Brasil. As tais imagens testemunham os momentos de horrores dos corpos mutilados, cadáveres empilhados de homens brasileiros que participaram da primeira guerra em que o país esteve envolvido.

A fotografia por meio do fotojornalismo leva ao grande público um sentimento de o receptor se imaginar, naquele ambiente em que a foto foi produzida embora o observador não contemple o acontecimento de corpo presente, mas os seus olhos contemplam, por meio da imagem, o fato evidente. Essa análise acontece quando o pesquisador está diante do objeto, imagem, e no momento de observação da fotografia nos transportamos em pensamento às situações de vida das pessoas retratadas na imagem, e a linguagem visual nos instiga a elaborar estudos densos para conhecer as reais condições de vida e os modos de trabalhos desempenhados pelos indivíduos retratados na imagem.

Fotojornalismo

Com a proposta de documentar acontecimentos, registrar observações e revelar fatos através das imagens, a fotografia é usada no fotojornalismo com a finalidade de transmitir informações e oferecer conhecimentos aos receptores por meio de vários suportes, tais como jornais, revistas, livros, internet, televisão - por meio das imagens em movimento- , aparelhos eletrônicos e etc...

[...] fotojornalismo, profissão que há mais de século tem fornecido à humanidade a capacidade de se rever a si mesma e de contemplar representações do mundo através de imagens chocantes, irônicas, denunciantes, empáticas ou simplesmente informativas. [...] (SOUSA, 2002, p. 05).

Na área do fotojornalismo o profissional trabalha com o inesperado, diferente do fotógrafo documentarista que elabora um plano de trabalho, estuda a fundo o campo a ser fotografado a fim de produzir imagens que obtenham resultados com êxito, e durante seu exercício planeja os equipamentos e os diferentes pontos de vista da abordagem sobre o



assunto, no intuito de alcançar imagens que também transmitam informações, documentem fatos e exponham denúncias.

Mesmo antes das imagens fotográficas possuírem a tecnologia da impressão dos dias atuais, existe uma característica inerente aos profissionais precursores do fotojornalismo e atuais na área que é o atributo em desenvolver suas atividades raramente sem saber qual será o local exato e em que condições vai encontrar o objeto a ser registrado por sua câmera fotográfica, ou seja, o exercício do fotojornalismo muitas vezes não permite elaborar roteiros para registrar o que vai acontecer. Em 1842 Carl Fiedrich Stelzner registrou o “daguerreótipo das conseqüências de um incêndio que destruiu um bairro de Hamburgo na Alemanha, exemplo de uma das primeiras fotografias de acontecimento” (SOUSA, 1998, p.19).

Para informar, o fotojornalismo está acompanhado de fotografia e texto possibilitando ao receptor melhor compreensão do que o registro de um acontecimento pretende transmitir. A exemplo, existem registros fotográficos de guerras, no entanto, sem um relato do lugar, das pessoas envolvidas e data da época no qual foi produzida, a imagem nos repassa apenas situações de um conflito evidente sem nos informar o que o evento representou ou significa para um país, dificultando informar a notícia em veículo de comunicação.

[...] A foto jornalística está vinculada a valores informativos e/ou opinativos e à veiculação num órgão dotado de periodicidade. A relevância social e política, a relação com a atualidade e um caráter noticioso também ajuda a classificar esse tipo de foto. Do mesmo modo, o instantâneo costuma agregar qualidade informativa. (BUITONI, 2011, p. 90)

Com a implantação de imagens nas publicações ilustradas, em meados do século XIX proprietários de veículos impressos investem em fotografias para darem aos leitores informações em contínuo de acontecimentos nacionais e mundiais mais importantes, da sociedade a política com imagens realistas. Em maio de 1842, nasceu a primeira revista ilustrada *A The Illustrated London News* (SOUSA, 1998) de Herbert Ingram (1811-1860), a partir desse novo meio de informação, texto e imagem, o impresso cresceu em tiragens, 100 mil exemplares entre os anos de 1855 e 1860.



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

Os veículos de comunicação passam a ter um público maior quando seus periódicos introduzem imagens de momentos importantes, de caráter informativo e atual no decorrer de cada época. As empresas decidem investir no campo do fotojornalismo enviando fotógrafos correspondentes para cobrir questões sociais e combates. Roger Fenton (1819-1869) foi enviado para cobrir a Guerra da Criméia (1854-1855) e elaborou trabalhos notórios dos registros, sob formas de gravura, tornando-se um dos primeiros fotógrafos de guerra.

A fotografia foi adotada pela imprensa como registro visual da verdade, a isso se deve a massiva utilização das imagens nos episódios de outras batalhas vindas após a Guerra da Criméia. São imagens dotadas de teor informativo, comunicando o fato quase visualmente, “[...] Guerras e violência eram assuntos de muita importância no trabalho das agências; atualmente perderam espaço” (BUITONI, 2011, p. 103), as imagens relacionadas a fome no mundo e a conflitos em diversas regiões não atraem tanta atenção, comparada aos tempos em que imagens de horror eram triviais nos impressos ilustrados do início do século XX.

No entanto, na imprensa começaram a surgir imagens manipuladas que primavam pela exploração do sensacionalismo divergindo da ideia de início, tendo como critério transmitir ao povo notícias com fotografias reais que gerasse a sensação de estar presente durante o acontecimento, tencionando-se, com isso, seduzir a atenção do leitor para a compra do impresso...

É na década de trinta do século XX que o fotojornalismo vai integrar-se, de forma completa, nos jornais diários norte-americanos, de tal modo que, no fim da década, e em comparação com seu início, o número de fotografias nos diários tinham aumentado dois terços, atingindo a média de quase 38% da superfície em cada número. (Nerone e Barnhurst, 1995) Alguns jornais, como o *New York EveningGraphic*, usavam até fotomontagens obscenas para vender nos tempos de crises. (SOUSA, 2002, p. 20)

Os fatores, como gravidade de um acontecimento, expostos nas fotografias favorecem o fotojornalista que tem compromisso em registrar as ocorrências por meio das imagens na verossimilidade dos fatos, a rapidez para abordar fotografias de incêndios, desastres de carros, temas sociais e diversos assuntos factuais propícios ao seu trabalho no



dia-a-dia, possibilitam ao profissional rapidamente transformar o acontecimento em notícia.

Assim como para registrar acontecimentos extraordinários, a fotografia também tem a característica de exercer a patente de patrimônio para o desenvolvimento de uma cidade, essa ferramenta é uma aliada quando são levantados estudos a respeito da formação de um lugar. No município de Caracaraí na cidade de Roraima localizada ao norte do Brasil e fronteira com o país da Venezuela, fotografias feitas no ano de 1904 testemunham o princípio de um lugar responsável pelo desenvolvimento das cidades de Boa Vista, município de Roraima e da cidade de Manaus / AM capital brasileira e um dos centros industriais mais produtivos do país.

Vários registros foram realizados no local por pesquisadores vindos de outros países, com o intuito de registrar imagens de indígenas habitantes na região. Dentre os estudiosos que passaram na cidade, houve dois pesquisadores que contribuíram com fotografias tiradas no ano de 1904 para que nos dias atuais os munícipes da cidade de Caracaraí pudessem elaborar um projeto a fim de dar início a construção de um lugar de memórias, ou seja, a construção de um primeiro museu ao sul do estado de Roraima. Esses pesquisadores que abordamos são de origem alemã, Theodor Koch-Grünberg (1872-1924) e George Huebner (1862-1935), ávidos em conhecer a região norte do Brasil e fotografar indígenas.

Fotografia como patrimônio cultural

Durante o texto vimos a respeito da linguagem visual, um breve resumo sobre a história da fotografia e um pouco sobre fotojornalismo. Esses assuntos são introdutórios para colocar em questão a utilização da fotografia como patrimônio cultural material e imaterial, utilizadas para demonstrar a evolução e os significados do passado de uma região imagens que remetem a história de um povo. Os pesquisadores que por Roraima passaram deixaram uma herança, fotografias de um século onde as formas de impressão eram primitivas, essas imagens sobreviveram as adversidades possibilitando as pessoas que hoje moram na região de Caracaraí um estudo minucioso a fim de criar um patrimônio cultural.



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

O patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto de saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem a história, à memória e a identidade desse povo. A preservação do patrimônio cultural significa, principalmente, cuidar dos bens aos quais esses valores são associados, ou seja, cuidar de bens representativos da história e da cultura de um lugar, da história e da cultura de um grupo social, que pode, (ou, mais raramente não), ocupar um determinado território. (BRAYNER, 2007, p. 13).

Quando uma determinada sociedade opta por desenvolver um projeto a fim de levantar um local que conterá artefatos, objetos e imagens de uma época em que os hábitos, crenças e costumes das pessoas eram diferentes, ela na verdade se preocupa em documentar a memória da evolução histórica de seus antepassados. Para eles, são materiais valiosos mesmo que alguns os tenham como um simples objeto. Nasce o desejo de transmitir os detalhes importantes da linguagem visual contida na imagem fotográfica. Nem sempre as imagens são de culturas materiais, nelas também podem conter a cultura imaterial representadas nelas visualmente, a exemplo, fotografia da dança parischará, dança típica de tribos indígenas passadas de geração ao longo dos anos, uma prática dos costumes indígenas, mas não só a dança representa uma cultura imaterial, mas também os modos de vestir, de falar, as músicas e enfim, tudo que revela os aspectos culturais do cotidiano de uma comunidade.

A imagem fotográfica, a seguir (Foto 01), representa a principal localidade de embarcações que chegavam até Caracaraí, nesse lugar eram feitos muitos acordos de compras, venda e por onde pessoas renomadas, para a história do município, para o estado de Roraima e boa parte da região norte, passaram. Inclusive homens que lutaram pela causa da questão indígena como o Cândido Mariano da Silva (1865-1958) conhecido por Marechal Rondon.



**30º ENCONTRO
REGIONAL NORTE
DE HISTÓRIA DA MÍDIA**

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR



Foto 01- Porto de Caracaráí, por George Hüebner publicada no Álbum “Valle do Rio Branco”, 1906
Fonte: Acervo pessoal – professor Maurício Zouein

Considerações finais

A linguagem visual transmite conhecimentos por meio das imagens e leituras, somos surpreendidos com a quantidade de informações que ela difunde em relação a cultura, costumes e hábitos de povos que viveram em tempo remoto. As técnicas usadas pelos precursores em tornar cada dia mais acessível às pessoas o prazer de ter impresso o que os seus olhos contemplaram ao presenciar o fato, o impulsiona a compartilhar suas experiências com outras pessoas. As insistências desses profissionais em aperfeiçoar os modos de impressão nos promoveram o alicerce a fim de contribuir com pesquisas e estudos que mostrem o real significado contidos em uma imagem fotográfica.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. **História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900.** – Rio de Janeiro, Elsevier, 2004, 3ª Edição.



**30º ENCONTRO
REGIONAL NORTE
DE HISTÓRIA DA MÍDIA**

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

BAUER, Martin W. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.**/ GASKELL, George, – Petrópolis, RJ, Vozes, 2000, 4ª Edição.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Fotografia e jornalismo: a informação pela imagem.** – São Paulo, Saraiva, 2011, vol.6

HACKING, Juliet. **Tudo sobre fotografia,** Rio de Janeiro, Sextante, 2012.

MÜLLER, Tânia Mara Pedroso. **As aparências enganam?:** fotografia e pesquisa, Rio de Janeiro, FAPERJ, 2011.

SANTAELLA, Lúcia. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal: aplicações na hipermídia.** – São Paulo, Iluminuras, 2005, 3ª Edição. SANTAELLA, Lúcia. **Imagem: cognição, semiótica, mídia / NÖTH, Winfried.** – São Paulo, Iluminuras, 2012.

Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação da faculdade de educação da Universidade Federal de Minas Gerais – **“A Escolarização da linguagem visual: uma leitura dos documentos ao professor”** COUTO, Ronan Cardozo / Belo Horizonte, 2000/ disponível em
<<<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/FAEC-85ZH7T/1000000329.pdf;jsessionid=7C389D1547A88F6436FBD600CE723E81?sequenc e=1>, acesso em 05/06/2013.

“A função do iconismo na percepção: etapa precursora da construção de conhecimentos e informações” GOMES, Henriete F. , Artigo 03, DataGramZero – Revista de Ciência da Informação – v.6, n.6, dez/05 disponível em http://www.dgz.org.br/dez05/Art_03.htm , acesso em 17/06/2013.

“Aspectos valorativos no fotodocumentarismo social de Sebastião Salgado” FORIN, Renato Júnior; BONI, Paulo César. Artigo, Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, vol. 6, Nº 12, jul./dez.2007 disponível em <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/172/0> , acesso em 19/06/2013.

“O pioneiro da fotografia no Brasil” OLIVEIRA, Erivam M. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 2003, disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-erivam-pioneiro-fotografia-brasil.pdf> , acesso em 26/06/2013.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma História crítica do fotojornalismo ocidental,** Porto, 1998, 320 p.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo.** Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa, Porto, 2002, 161 p.

BRAYNER, Natália Guerra. **Patrimônio cultural imaterial: para saber mais,** Brasília, DF: IPHAN, 2007, 32 p., disponível em <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do;jsessionid=43DB35719DC21EB94808B5E43C3C0329?id=3172>, acesso em 15 de julho de 2013.